

O DIÁRIO DE TURMA E O CONSELHO

* SÉRGIO NIZA

Aquilo a que Freinet chamou o Jornal de Parede, chamo eu hoje, o **Diário de Turma** (outros companheiros da Escola Moderna Portuguesa chamam-lhe também Diário de Parede). Significa que é para mim mais um **memorando** do que um periódico. Mais do que um instrumento de "interpelação social". na organização da escola, concebo-o hoje, como a **memória histórica e registo cultural** de um grupo de alunos com o seu professor, ou de uma escola. Fixemos desde já este sentido de registo contínuo da vida da Turma. A ideia de processo e desenvolvimento histórico e cultural de um grupo humano que constrói a sua educação é para mim decisiva.

Uma Escola é sobretudo um conjunto articulado ou coordenado, de Turmas (ou classes), com os respectivos professores. Quando digo Turmas, penso em "fratrias" ou grupo de companheiros ou colegas. A cultura que se constitui e a história que cresce na interação e aprendizagem desses grupos de pares com a colaboração dos professores, enquanto adultos, é fundamental para o desenvolvimento social e educativo de cada um dos estudantes de uma Turma.

Essa unidade social e educativa entendo-a como um **sistema** (ou sub-sistema) **autorregulado** em desenvolvimento. A Turma (como a Escola), é um sistema social com uma **organização** finalizada para a educação através da **reconstrução** ou **reconstituição** cultural e social operada pelos companheiros com o apoio dos adultos educadores. Poderemos chamar **instituição** ao conjunto das normas de vida, às estratégias ou técnicas de organização e de resolução de problemas que o grupo vai engendrando e o seu modo de dizer e de se estruturar de forma particular. Essa instituição que cada grupo de pares organizado gera, é de algum modo o produto educativo de cada Turma. **Cada organização** educativa produz ou gera a **sua respectiva educação** ou instituição (recordo aqui o Ensaio de Montaigne "De l'Institution des Enfants" — acerca da educação das crianças, e os esforços feitos pela Pedagogia Institucional).

O espaço e o tempo ritual de regulação essencial do sistema, ou da organização da Turma, é o **Conselho** (Concílio). O Conselho abre e encerra os ciclos de trabalho diário, semanal ou outros. O Conselho é assim um momento de articulação, de reordenação, de coordenação e de instituição por excelência. É o momento de síntese e chave da abóbada da construção educativa de cada um dos sub-grupos sociais (turmas) que constituem a escola. Esse tempo forte da instituição dispõe de um instrumento de registo e actuação que é o **Diário**. O Diário é então um instrumento mediador e operador (ou alimentador) da regulação social do grupo e do processo de negociação permanente e interactiva que uma educação cooperada ou democrática pressupõe. No conselho, porém, para além da regulação do grupo, mediada pelo Diário, processa-se também a programação e a avaliação do trabalho. O Diário complementa e enriquece a função de programação do Conselho fornecendo informações através da coluna das **sugestões** e dos juízos emitidos sobre as **ocorrências significativas** e que possam influenciar o trabalho futuro. O Diário completa e influencia igualmente os juízos de valor sobre o trabalho escolar e a sua qualidade no plano do desenvolvimento individual e dos contributos trazidos à turma na resolução dos seus problemas quotidianos e nos progressos culturais e de desenvolvimento enquanto grupo social em educação. É importante, portanto, não desvincular o desenvolvimento individual do desenvolvimento do grupo construtor da instrução e da educação escolar que é a turma com o professor ou professores respectivos.

O Diário de Turma é, em síntese, o **motor** do Conselho de turma (ou conselho de classe) e como seu instrumento fundamental torna o Conselho o **centro de tomada de decisões** democraticamente negociadas; o **Centro do controlo institucional** da execução das actividades e dos projectos combinados e da análise sistemática e crítica do seu desenvolvimento; o lugar de construção e do debate crítico das normas de convívio e dos comportamentos sociais do grupo.

O Diário de Turma (ou de Parede) é constituído por quatro colunas de escrita. Duas delas recolhem as **ocorrências significativas**. Destinam-se por isso, a servir de dispositivo colectivo de avaliação qualitativas da actividade escolar e dos comportamentos sociais delas decorrentes. Esta modalidade de avaliação concebida para auxiliar o juízo do professor, transita aqui para o grupo (com o professor) e toma uma feição de transparência democrática e de desocultação da informação. As ocorrências positivas poderão ser inscritas sob forma de juízo positivo de "gosto", "concordo" ou "acho bem", por exemplo. As ocorrências negativas poderão exprimir-se pelos seus contrários "não gosto", "não concordo" ou "acho mal", respectivamente. As outras duas colunas complementares destinam-se a recolher, uma delas, "sugestões" para enriquecimento do trabalho ou para novas ideias e projectos e a outra, a inscrever "**realizações**" que se tenham distinguido, ao longo da semana ou quinzena (conforme o período de trabalho em apreço) ou que sejam significativas na perspectiva de qualquer dos elementos do grupo. É assim que três colunas, "acho bem", "acho mal" e "realizações" recolhem as ocorrências e produções significativas como suporte para a avaliação qualitativa da actividade escolar e a quarta coluna introduz uma colecção de ideias ou de levantamento de necessidades e de expectativas que inspirarão novas actividades e projectos de trabalho motivado pela participação criativa dos próprios alunos no planeamento do trabalho escolar.

O Diário poderá dispôr das mesmas categorias em qualquer nível de ensino dado que se trata de um instrumento mediador (de registo) do processo de planeamento e avaliação do trabalho intelectual e do desenvolvimento moral e social dos educandos. Nos níveis mais desenvolvidos e provavelmente a partir da adolescência as duas colunas das ocorrências poderão evoluir para recolha de registos mais objectivos e factuais sobre os quais se manifestarão posteriormente em Conselho. Uma coluna poderá designar-se por "ocorrências positivas" e outra por "ocorrências negativas".

Antes de tratar desta organização dos conteúdos do Diário situei-o, sobretudo, como um meio de que o Conselho dispõe para realizar as suas finalidades educativas.

Gostaria, porém, de recordar um outro nível de desempenho funcional do Diário com relevo estratégico mais directo. Como meio estratégico do modelo pedagógico é antes do mais o "Termómetro Moral" da Turma, na medida em que nos permite ler em perfil temporal como se desenrola o clima emocional, de relações e de valores de um grupo. Por isso nos permite, igualmente, como já foi referido, utilizá-lo como instrumento de gestão de conflitos. É neste sentido que podemos destacar uma das suas dimensões funcionais mais interessantes na perspectiva da prevenção que poderá desempenhar na saúde mental de alguns educandos. Na dinâmica da Turma, os elementos mais instáveis e impulsivos aprenderão a regular as suas "passagens a acto", na sua tensão agressiva, na medida em que se habituem a passar a escrito as ocorrências que só serão debatidas e analisadas posteriormente e a "frio", o que resulta em treino de descentração, fundamental para o desenvolvimento afectivo e para o progresso intelectual. O Diário torna-se assim um verdadeiro **catalizador emocional** na medida em que ajuda a instaurar "habitus" de racionalização e formalização mediadora, através da escrita, das emoções e dos conflitos ao deslocar

no tempo o juízo social sobre os factos. A instituição desse tempo de reflexão é uma espécie de fermento transformador que abre caminho a uma cultura do espírito crítico e da razão pragmática.

Num outro plano, o Diário revela-se um **monitor** ou "**quadro de pilotagem**" da vida afectiva e social da Turma ou da Escola. Dispõe de registos que informam as tomadas de decisão em Conselho e alimenta, pela dinâmica que gera, o processo de mudança ou de humanização que é a educação social (assumo a redundância).

O Diário é, também, se a expressão livre das ideias e das falas circular como deve, através dele um "**analisador**" **institucional** no sentido em que este conceito é usado pelos sócio-analistas Franceses. Ele permite desocultar os ditos clandestinos e os incidentes críticos e assumir o lado inconsciente das instituições como forças renovadoras e reinstituintes. E permite-o, pela anulação da vigilância externa, desenvolvendo o auto controle, isto é, interiorizando o papel do "vigilante". Por isso, o debate dos juízos a partir dos conteúdos do Diário, não deverá produzir sanções para além do exercício crítico e de auto reflexão. É também como analisador dessa cultura ou dessa maneira de ser do grupo, enquanto organização, que tem valor instituinte. Permite a reflexão crítica sobre as normas instituídas que não deixam avançar o grupo para novos saberes e novas formas de organização. É de facto, a partir da análise dos conteúdos expressos no Diário que poderemos ir criando novas regras de jogo democrático no interior da Turma e da Escola de forma directa e negociada construindo em cooperação novos e progressivos consensos sobre os comportamentos sociais e os saberes científicos e da cultura quotidiana tão diversa.

Esta função **instituinte** que a de analisador propicia, permite aos educandos apropriarem-se progressivamente do valor transitório (histórico) das normas sociais e institucionais que vão fundando sucessivas formas de organização cada vez mais adequadas aos objectivos que os grupos se propõem alcançar com os projectos que acordam entre si. Esse progresso moral de um grupo pode objectivamente detectar-se ao longo de uma colecção de Diários. Por isso se impõe fazer balanços periódicos dessas colecções por parte das Turmas.

Comecei por falar de algumas diferenças fundamentais do meu enfoque educativo deste instrumento pedagógico reutilizado por Freinet a partir dos Jornais Murais das escolas de Moscovo.

Como diz Michel Barré na "Bibliothèque de Travail, second degré", de 1987 sobre "Célestin Freinet et l'École Moderne", o Jornal de Parede é inspirado nas técnicas de interpelação utilizadas na Rússia soviética e posteriormente na China de Mao. De facto, Wullens que acompanhou Freinet em viagem à Rússia em 1925, refere no seu diário de viagem que: **o Jornal de Parede** é uma das mais curiosas inovações que notei nas escolas russas. Todos os meses os alunos de uma classe compõem um jornal, escrito e ilustrado à mão, que penduram depois, durante o mês, nas paredes da sala de aula. Notícias da vida escolar quotidiana, desenhos coloridos e muito divertidos enchem frequentemente várias folhas de papel de desenho colocadas umas ao lado das outras" P. Clanché, in Actualité de la Pédagogie Freinet — PUB — 1989.

Freinet descreve em 1946, na primeira edição de "l'École Moderne Française" a reutilização que fez da inovação descrita por Wullens. Essa reutilização é só por si a medida de um invulgar talento pedagógico. É bem outro instrumento pedagógico o de Freinet. "Este Jornal, diz ele, deve sintetizar o conjunto das reacções infantis em face do funcionamento sempre imperfeito do organismo Escola".

O Jornal de Parede, era um dos elementos da Assembleia da Cooperativa, realizada aos Sábados e era lido no fim da sessão após esgotada a ordem de trabalhos. Diz Freinet: "Este Jornal é constituído por uma grande folha de 40x50 afixada na Segunda-feira de manhã num canto especial da sala. O cabeçalho é ilustrado por dois alunos, designados em cada Sábado. A própria folha está dividida em três grandes colunas tendo respectivamente por título: **Críticos, Felicitamos, Pedimos.**

Durante a semana, os alunos inscrevem neste jornal as suas queixas, os erros ou as faltas que verificam, denunciam as insuficiências destes ou de aqueles serviços ou organizações. Inscrevem na terceira coluna as propostas ou anseios que dizem respeito à vida da classe. Todas estas inscrições são assinadas".

O Jornal veio progressivamente a ocupar maior importância na Assembleia da Cooperativa de Sábados e em 1960 na sua obra "A Educação Moral e Cívica" revela já uma importância central na sessão. Nessa obra destaca entre outras coisas o alcance moral decisivo da **tomada de consciência** que o Jornal de Parede proporciona. Nos anos sessenta utiliza já quatro colunas: Críticas, Felicitações, Desejos e Realizações. Os conteúdos, porém, eram inscritos no Jornal com uma condição imposta por Freinet: "explicamos que só devem inscrever-se no Jornal, as críticas com incidência social e não as pequenas histórias mais ou menos pessoais ou os enfados em que não temos que entrar: beliscaram-me, puxaram-me o cabelo, borraram-me o caderno, etc".

Aqui me distancio de Freinet. A socialização de todos estes comportamentos poderá passar pelo Diário de Turma desde que um aluno o ache significativo. Não poderá é servir de queixa directa ao professor porque a tentação de desviar a resolução de um conflito para outra instância de poder para além do Conselho, fragilizaria a importância reguladora e socializadora deste órgão.

Lamentavelmente, Freinet em "As Técnicas Freinet da Escola Moderna" publicado em 1964 não se refere ao Jornal de Parede nem à organização cooperativa que o suportava. A cooperativa escolar é uma organização criada por Barthélemy PROFIT mas Freinet ultrapassou a perspectiva mutualista dessa organização para a transformar num instrumento de partilha de poderes. A Assembleia ou Conselho Cooperativo foi para mim a génese do que entendo hoje por Conselho da Turma. Enquanto **Conselho de Cooperação Educativa** é uma instância não somente de partilha de poder mas de exercício directo da participação democrática na escola e motor do desenvolvimento moral (para a cooperação através da cooperação) e do desenvolvimento social e cívico (pela

promoção do auto controle e da construção das normas e dos valores democráticos vividos numa instituição educativa auto regulada por consensos negociados). Apesar de Freinet ter desvalorizado estes dois contributos pedagógicos, o Movimento de Escola Moderna Portuguesa continua a desenvolvê-los e a transformá-los dando-lhes maior coerência e significado educativo. Eu, por meu lado, venho contribuindo com a minha reflexão para pôr em relevo o trabalho incansável dos companheiros de formação do nosso Movimento Pedagógico.

Em Portugal, o Jornal de Parede, foi introduzido no Centro Infantil Helen Keller em 1962, a partir da estadia de Isabel Pereira na escola de VENCE onde trabalhou com Freinet. Obedecia às características descritas na "Educação Moral e Cívica" com as colunas para críticas, felicitações, desejos e realizações e assim enunciadas: criticamos, felicitamos (ou parabéns), desejamos e fizemos. Eu cheguei ao Helen Keller no ano lectivo de 1964/65 após ter feito em Évora, com uma turma um ensaio de organização de um "município escolar" inspirado na proposta de António Sérgio em "Educação Cívica".

A dimensão cívica e socializadora da escola a partir dos modelos organizativos ingleses e americanos (anos 20 e 30) de "Self-government" empenhavam-me completamente nessa altura. A organização cooperativa e o jornal de parede substituíam com vantagem o meu município e o seu "foral" enquanto carta normativa da turma. Mas a minha formação racionalista não me permitia aceitar previamente a utilização do conceito de crítica (criticamos) para enunciar apenas quaixas e sublinhar erros. A dimensão positiva da actividade crítica, parecia-me muito prejudicada pela ideia de censura que a prática consagra. Para quem acredita, como eu, no valor inestimável da actividade crítica como formador do espírito democrático e promotor do progresso intelectual teria de interrogar a instituição. Assim fomos tateando por algum tempo outras formas de arrumação dos incidentes descritos. Chegamos assim a uma fase de evolução da Escola Moderna Portuguesa (criada em 65/66) em que alguns mais influenciados pelas correntes "não — directivas" se limitavam a fixar na parede a folha para jornal, sem colunas, fazendo evoluir a sua organização espacial de acordo com as necessidades dos assuntos expressos. Adquire assim uma feição mais próxima da prática de interpelação e de notícia à maneira russa. Quando os professores e educadores sentiram necessidade de regressar, à estruturação por colunas, acrescentaram-lhe, porém, a coluna das "notícias". Essa coluna absorvia, no entanto, muitos dos textos livres, que são sobretudo as novidades, nos mais pequenos, o que impedia a autonomização e utilização plena desta técnica de texto livre. A intencionalidade dos actos pedagógicos impõe-nos a clarificação do sentido educativo e social dos métodos e dos processos que utilizamos. Tivemos assim que desencadear uma reflexão de aprofundamento e clarificação das relações do Jornal no Conselho e das suas funções educativas. As experiências de trabalho de Clara Felgueiras, pela atenção cuidada à dinâmica dos grupos e alguns esforços de análise prosseguidos especialmente no Núcleo do Algarve, vieram permitir alguns estudos experimentais realizados pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada, sobretudo na Escola da Voz do Operário da Ajuda e deram corpo às monografias de Cristina Nunes e Sofia Faria. A minha necessidade de clarificar a função formadora e avaliativa do "Jornal de Parede", e tendo em conta estes novos contributos conduziu-me à reformulação que venho propondo.

Foram decisivos igualmente os esforços de recentração da avaliação nas formas de auto avaliação e de avaliação cooperada pelos pares que realizámos nos últimos anos e em que se distingue o contributo de Manuela Tavares no ensino secundário. É essa lógica de deslocação progressiva do controlo institucional e da avaliação do trabalho para uma actividade negocial em conselho de cooperação (a partir dos registos individuais e colectivos) que me permite ir mais longe na desocultação dos registos do professor. Na tradição pedagógica, da formação dos professores, aconselham-se os professores a manter um "diário escolar" onde se registem as ocorrências significativas das aulas e os comportamentos mais relevantes de cada aluno. Essa técnica de avaliação unilateral ganhará assim sentido social e moral se se integrar nas funções de desocultação, transparência e enriquecimento do desenvolvimento moral, social e educativo que enquanto Diário de Turma (com o professor, é claro) esse velho periódico de interpelação poderá assumir.

O Diário de Turma só se mantém nas nossas Escolas quando o professor entendeu profundamente o seu alcance e valor educativo e de desenvolvimento pessoal. Quando o professor deixa de participar com os seus escritos no Diário, quando deixa de estimular os alunos para registarem os acontecimentos significativos, a vida da turma entra na rotina académica e torna-se cinzenta e desinteressante. O sentido das instituições é criado pelos seus membros. Só tem sentido aquilo a que se dá sentido. É este um valor acrescentado ao Diário como criador ou **construtor de sentido social** dos actos de aprender e de organizar o trabalho intelectual e o espaço social que se partilha e se transforma, através da instituição educativa, enquanto espaço cultural e social de iniciação democrática.